

## NUANCES DO CORPO AFETIVO FEMININO, EM ÁGUAS DE CABAÇA, DE ELIZANDRA SOUZA

DOI:10.47677/glüks.v25i03.551

Recebido: 23/07/25

Aprovado: 19/01/26

VIERA, Aline Deyques<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma análise da obra *Águas da Cabaça* (2012), da escritora Elizandra Souza, a partir do conceito de escrevivência, proposto por Conceição Evaristo, evidenciando as nuances do corpo afetivo feminino negro. A escrita de Elizandra emerge da literatura marginal/periférica, mas se inscreve também na tradição da literatura negra feminina, incorporando elementos de memória, ancestralidade e denúncia da violência contra a mulher. A análise parte da compreensão do corpo como espaço de resistência, afetividade e subjetividade, especialmente no contexto de mulheres negras e periféricas. Poemas como “Em legítima defesa”, “Tecendo memórias” e “Abelha Mandaçaia” revelam uma poética marcada por traumas, afetos, solidão, pertencimento e identidade. A autora constrói uma lírica que mescla crítica social e delicadeza estética, dialogando com referências culturais afro-brasileiras, com destaque para a oralidade e o ritmo do rap. Assim, *Águas da Cabaça* se apresenta como uma obra de potência política e sensível, que contribui para o fortalecimento da voz feminina negra na literatura contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** Elizandra Souza, Escrevivência, Corpo feminino negro, Literatura marginal, Ancestralidade.

### Introdução

O cenário literário brasileiro contemporâneo tem sido enriquecido por vozes femininas que reivindicam espaço, memória e identidade por meio da palavra poética. Nesse contexto, a literatura produzida por mulheres negras emerge como um campo potente de resistência e expressão subjetiva, mobilizando afetos, ancestralidade e denúncia social. Entre as autoras que se destacam nesse panorama está Elizandra Souza, cuja obra transita entre a Literatura Marginal/Periférica e a tradição da literatura negra feminina.

*Águas da Cabaça* (2012), sua obra de estreia, revela uma escrita profundamente comprometida com a realidade de mulheres negras e periféricas, abordando temas como violência, solidão, ancestralidade e desejo de liberdade. Sua poesia incorpora elementos da oralidade, do rap, da escrevivência e da subjetividade afetiva, configurando uma proposta

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tutora presencial da disciplina Teoria da Literatura, pela Universidade Federal Fluminense/Fundação CECIERJ – CEDERJ. E-mail: alinedeyques@yahoo.com.br

estética e política que dialoga com a tradição de Conceição Evaristo, uma de suas principais influências.

Este artigo tem como objetivo analisar algumas das nuances do corpo afetivo feminino na obra *Águas da Cabaça*, à luz do conceito de escrevivência, refletindo sobre como a poeta constrói uma voz que denuncia, ressignifica, afirma e reafirma a existência de mulheres negras por meio da poesia. A investigação propõe-se, portanto, a contribuir para o debate sobre literatura negra, gênero e afetividade, valorizando produções que emergem das margens sociais e epistêmicas.

### **A contemporaneidade na poética de Elizandra Souza**

Elizandra Souza é baiana, nascida em Nova Soure, porém, foi ainda criança para São Paulo. É jornalista, formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Começou como escritora da tendência literária denominada Literatura Marginal/Periférica, nos saraus distribuídos na periferia da capital paulista, hoje, a autora se enquadra no que ela denomina como “Literatura Negra Feminina”<sup>2</sup>.

A influência para sua escrita começou devido à música, mais especificamente ao rap, e ainda tem como influências literárias: gibis, livros de romances best-sellers, Clarice Lispector, Cecília Meirelles e Machado de Assis.

Em entrevista concedida a esta pesquisadora em 2010, Elizandra relata que<sup>3</sup>:

Então, quando eu comecei a escrever, o que me fez escrever... Assim que eu sempre falo, eu amo muito o hip hop e naquela época se você gostasse de hip hop deveria estar fazendo um dos quatro elementos e eu não tinha talento para nenhum deles, nem cantar. E aí o Fanzine foi uma forma que eu encontrei para fazer parte do movimento, para estar dialogando com as pessoas, colocando as minhas experiências, e veio mais, assim: o hip hop, eu acredito que ele me levou muito para o direcionamento das leituras que eu fazia desde gibis, romances como Júlia, Sabrina, mas com o hip hop eu comecei a ter um... focar mesmo a minha leitura, aí eu, comecei a querer, na verdade comecei a fazer a leitura e a pesquisar o que as letras diziam, e me reconheci como mulher negra, conheci personalidades negras que citavam nas letras, e eu quem é? Nunca ouvi falar tal, nunca vi na escola...então foi um incentivo, mesmo assim, direto e indiretamente do hip hop, mas influências literárias, assim, sei lá... Hoje eu convivo com muitos escritores da chamada Literatura Marginal Periférica, mas eu gosto de Conceição Evaristo, são assim, as minhas maiores influências, eu gosto das publicações dos Cadernos Negros, né. Que esse ano vai fazer 36 anos consecutivamente publicando, mas eu gosto muito de ler...gosto muito dos textos da Dinha, da Maria Teresa, do Sérgio Vaz, do Ferréz eu não li todos os livros, mas o que eu li, eu gostei... Allan da Rosa ele tem uma leitura que é complexa, ele usa muito as figuras de linguagens, é complexa, mas é muito interessante, mais influências, vamos falar dos clássicos também, eu gosto de Machado, Clarice, Cecília Meireles, Castro Alves, tem um monte de gente boa.

<sup>2</sup> Todas as obras da escritora encontram-se em um link localizado no seu Instagram: @elizandra\_mjiba.

<sup>3</sup> Por ser uma entrevista, acabei respeitando a oralidade e mantendo fidedignamente as palavras e formas como a escritora Elizandra concedeu a entrevista.

(Viera, 2015, p.93.)

Diante dessa entrevista, podemos perceber a influência do hip hop e outros escritores, no entanto, para expor o primeiro poema de seu livro, é importante trazer questões que permeiam a escrita de Conceição Evaristo. Como vimos, a escritora é uma inspiração para Elizandra.

Conceição Evaristo destaca em suas narrativas a questão do trauma e a violência vivida e sentida no corpo de mulheres, principalmente, das mulheres negras. O que torna sua narrativa inaugural quanto ao narrar uma violência física, como vista nos noticiários.

A respeito da questão, a pesquisadora da UFMG, Constância Lima Duarte, irá dissertar em seu ensaio “Marcas da violência no corpo literário feminino”, publicado no livro: “Escrevivências: Identidade, gênero e violência, na obra de Conceição Evaristo”, sobre a não representação da violência física em narrativas de escritoras de autoria feminina:

A ausência da temática da violência nos escritos de autoria feminina sempre me incomodou. Como nossas escritoras ignoram um tema tão urgente e palpitante? Em que livros estão as marcas literárias do espancamento, do estupro e do aborto a que cotidianamente as mulheres são submetidas, e os jornais não cansam de noticiar? Refiro-me, naturalmente, à violência física, cujas cicatrizes são visíveis, e não à que Bourdieu chamou de simbólica, como a humilhação, a ofensa, o desprezo, que também machucam e são cotidianas. Para essas, há inúmeros exemplos na literatura, e Clarice Lispector é uma mestra. Quem não se lembra da angústia vespertina de Ana, dos devaneios de certa rapariga, do monólogo da Mocinha, ou da frustração da velha aniversariante diante da família, dentre tantas personagens? Mas eu queria mais. Afinal, não passa uma semana sem que os jornais noticiem o assassinato de uma mulher pelo companheiro vingativo ou um dia sem que uma mulher seja espancada e violada, apenas por ser mulher. (Duarte; Côrtes; Pereira, Duarte, 2023, p.215)

Em seu ensaio, Constância, fará um elogio à Conceição Evaristo, por ter trazido de forma inaugural representações dessa violência, atentando para o corpo da mulher negra e sua invisibilidade, quanto aos traumas sofridos pela violência.

Sobre sua escrita, Conceição relata que:

Na origem da minha escrita, ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! [...] Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens, seus familiares, raramente se permitem fragilizar. Como "cabeça" da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e, mormente, para apoiá-los depois. Talvez por isso, tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isso, não afirmo. (Evaristo in Duarte, 2023, p. 222)

Perante esse relato, podemos destacar um conceito que atravessa toda a obra de Conceição Evaristo: a *escrevivência*. Esse termo, cunhado pela própria autora, será a chave interpretativa para a leitura dos poemas de Elizandra Souza. De acordo com a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca, professora da Universidade Federal de Minas Gerais, o conceito de *escrevivência* articula as ideias de "escrever" e "viver", evocando os sentidos de "escrever vivências" ou ainda de registrar, pela escrita, fatos vividos pelo sujeito que os ressignifica. (Fonseca, 2023, p. 15).

Sobre o conceito de *escrevivência*, Evaristo afirma que:

[...] “a literatura produzida pelas escritoras negras assume um procedimento literário que funciona, muitas vezes, como assunção do que ficou recalcado e silenciado pela História.” A afirmação de Evaristo deixa claro que, desde o momento em que usou o termo “*escrevivência*” pela primeira vez, quis estabelecer uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras, ao longo da história do Brasil.” (Duarte; Côrtes; Pereira, Fonseca, 2023, p.17)

Sendo assim, o termo passa a referir-se a escrita de autoria negra e feminina, pois se volta para as demandas narrativas deste grupo.

Ainda sobre o termo *escrevivência*, a pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca, pontua:

A esse processo de resistência filiam-se as nuances do termo *escrevivência* que, aos poucos, vai assumindo os contornos de um conceito que, dizendo da escrita literária de Conceição Evaristo, estende-se à literatura produzida por mulheres negras que tecem os fios de uma história calcada em experiências vividas por “um corpo-mulher-negra em vivência, como lucidamente acentua Conceição Evaristo em texto publicado em 2018. (Duarte; Côrtes; Pereira, Fonseca, 2023, p.27).

No primeiro poema que iremos analisar de Elizandra Souza, podemos perceber os dois pontos antevistos: a violência e a *escrevivência*, sendo o último ponto, recorrente em todo o seu livro.

Este escrito trouxe reconhecimento do seu talento como escritora, que primeiramente, foi recitado nos Saraus. É perceptível, em sua leitura, uma forte carga de afetos, e esteticamente, sua linguagem, especificamente neste poema, traz a melodia do RAP, com a *escrevivência* poética periférica, para que atinja seus leitores e leitoras residentes na periferia.

Poema “Em legítima defesa”:

Só estou avisando, vai mudar o placar...  
 Já estou vendo nos varais os testículos dos homens,  
 Que não sabem se comportar  
 Lembra da Cabeleira que mataram, outro dia,  
 E as pilhas de denúncias não atendidas?  
 Que a notícia virou novela e impunidade  
 É mulher morta nos quatro cantos da cidade...

Só estou avisando, vai mudar o placar...  
 A manchete de amanhã terá uma mulher,  
 De cabeça erguida, dizendo:  
 -Matei! E não me arrependo!  
 Quando o apresentador questioná-la  
 Ela simplesmente retocará a maquiagem.  
 Não quer estar feia quando a câmera retornar  
 E focar em seus olhos, em seus lábios...

Só estou avisando, vai mudar o placar...  
 Se a justiça é cega, o rasgo na retina pode ser acidental  
 Afinal, jogar um carro na represa deve ser normal...  
 Jogar a carne para os cachorros procedimento casual...

Só estou avisando, vai mudar o placar...  
 Dizem, que mulher sabe vingar  
 Talvez ela não mate com as mãos, mas mande trucidar...  
 Talvez ela não arranque os olhos, mas sabe como cegar...  
 Só estou avisando, vai mudar o placar... (Souza, p.48 e 49, 2012)

Há no escrito, um evento catártico com nuances emocionais, diante da violência contra mulher, infelizmente, um fato que vemos todos os dias estampados em capas de jornais e nas mídias sociais.

Em entrevista concedida, Elizandra afirma que:

A literatura eu uso como um desabafo, quando você perguntar se os meus textos tem alguma coisa de memória, se é biográfico, tem coisas que sim, tem coisas que é algo que me tocou, que nem sempre...algo como o narrador em primeira pessoa ou em

terceira pessoa é mais coisas que me tocam que mexem comigo, sei lá. (Elizandra Souza, em entrevista concedida a esta pesquisadora em 16/09/2010).

Neste poema, o eu lírico escreve vivências de mulheres periféricas que enfrentam o machismo cotidianamente na forma mais brutal. Algo que toca a escritora, como ela mesma afirma na entrevista.

O eu lírico feminino, já cansado de impunidade, clama por justiça, esta, sendo feita com as próprias mãos, uma vez que o Estado ainda não consegue dar conta desta problemática de uma maneira satisfatória, mesmo já tendo avançado muito a respeito sobre as políticas públicas para conter a violência contra mulher.

O poema em si, não é um chamamento para a barbárie, mas sim, um grito de socorro, para o cuidado e segurança com o corpo feminino. Para que a liberdade tão almejada por mulheres, seja de fato uma realidade, pois na maioria dos casos, a violência parte de pessoas próximas: como maridos, namorados e familiares da vítima, por conta de uma sociedade baseada em conceitos patriarcais arcaicos, que ainda não aceitam os novos tempos, em que mulheres podem optar por trabalhar fora de suas casas, em que elas podem pedir o divórcio e que devem ter seus corpos respeitados.

É extremamente importante que literatura traga questões como a violência contra mulheres em suas narrativas e poemas, para que a discussão possa ser ampliada e novas soluções sejam encontradas, fazendo com que mulheres possam desfrutar de uma tranquilidade e liberdade diante de seus corpos.

A escritora estadunidense Madeleine L'Engle, em artigo publicado em 1987 na revista *Ms*<sup>4</sup> pondera que:

Meu papel como feminista não é competir com os homens no mundo deles – isso é fácil demais e, em última análise, improdutivo. Minha missão é viver plenamente como mulher, desfrutando de todo o meu ser e de meu lugar no universo. (Murdock, 2022, p.34).

Elizandra, em seu primeiro livro, segue em sua poética, as nuances de como é ser uma mulher que almeja a liberdade ponderada pela escritora Madeleine L'Engle. Sobre como ser uma mulher que quer desfrutar do mundo e que ainda encontra barreiras. No entanto, nessa travessia, já existem possibilidades de novas descobertas, de uma nova visão do feminino, uma vez que como mulheres criadas dentro de um cenário patriarcal, quando exigem liberdade, são desafiadas a construir uma nova identidade do ser feminino: não mais a mulher

---

<sup>4</sup> A Revista *Ms* é uma revista feminista liberal americana fundada em 1971, pela ativistas Gloria Steinem e Dorothy Pittman Hughes.

que acredita no amor romântico, que vê num filho a única forma de criação e no lar o único lugar para habitar e organizar, mas sim, no novo contexto, temos uma mulher que entende que a criação não está somente em ter filhos e que o amor e o cuidado não são somente dedicados aos homens e ao lar, mas estão também, no ambiente de trabalho e fora de suas casas.

O próximo poema, seguindo o conceito de escrevivência, apresenta o tema da ancestralidade, em que o eu lírico, busca um amparo, um acolhimento de suas ancestrais para poder seguir seu caminho, ao mesmo tempo, em que, demonstra sua gratidão a essas mulheres, o que podemos ver no seguinte trecho: “Atribuo a vocês, minhas ancestrais/Quem hoje eu sou, danço seus ritmos meus.” O poema, assim, recheia-se de ações de um sujeito lírico livre, que desfruta dessa liberdade de uma maneira leve e corajosa, mesmo quando os desafios aparecem em seu caminho.

Ao final do poema, podemos perceber a fusão do eu lírico com suas ancestrais, em que não há uma jornada solitária, o sujeito lírico transforma-se em sua própria ancestral, ou seja, em seu próprio amparo e força: “Sozinha, ando sempre acompanhada. /Ancestral minha que hoje sou eu”. (p.36)

Poema “Tecendo Memórias”:

Ouçó minhas ancestrais:

Cantando, raiar os luares

Dançando, o sagrado costurar

Sorrindo, colher as flores

Retribuo:

Sonhando poesias,

Construindo melodias,

Recitando amanhã

Flutuo na terra, piso no mar

Enfrento serpentes e armadilhas

Mergulho dentro de mim...

Atribuo a vocês, minhas ancestrais

Quem hoje eu sou, danço seus ritmos meus

Peneiro o deserto, encontro tesouros  
 Mesmo que besouros rondem meu lar  
 Pétalas finas e cheirosas  
 Rosas rubis a quem possa me interessar

Corro e percorro de sapatos vermelhos  
 Trilhas, trilhos, engrenagens  
 Roupas, arco-íris na vida cinza  
 Sozinha, ando sempre acompanhada  
 Ancestral minha que hoje sou eu. (Souza, p.36. 2012)

Um dos temas recorrentes em *Águas de Cabaça* é o tema da solidão, tanto pelas perdas - pela distância de pessoas queridas ou da terra ancestral - quanto a um amor que não chegou ou que foi embora, sendo assim a solidão uma companheira de jornada do eu lírico. No poema “Ausência”, a poeta faz um poema dedicado a um ente querido já falecido e fala da saudade que ficou após sua partida:

Poema “Ausência”:

A Saudade de um ente querido,  
 Que queremos por perto e que partiu  
 É uma dor presente no peito,  
 uma lembrança no corpo  
 um passado que se rememora  
 Lutar para continuar sonhando,  
 acordar com vontade de dormir  
 Que falta é essa que sinto?  
 Percebo um coágulo a solidificar  
 pingou, escorreu e secou  
 mas diante de mim,  
 aquela presença ausente de vida... (Souza, p.15, 2012)

Em “Abelha Mandaçaia”, a escritora faz referência a uma espécie de abelhas denominadas “mandaçaia”, devido a sua roupagem negra como a cor da pele do sujeito

lírico, explícita no primeiro verso: “Tão solitária e negra como eu/Abelha Mandaçaia/[...]sem produção de mel..”.

O eu lírico deste poema, assim como o sujeito da contemporaneidade, encontram-se solitários e angustiados por não conseguirem encontrar a sua outra parte que lhe completaria, vivendo uma vida vazia e infeliz.

Neste poema, Elizandra, também faz alusão à temática da solidão da mulher negra, um tema recorrente da literatura escrita por mulheres negras.

Infelizmente, sabemos que no imaginário ocidental, as mulheres negras tiveram seus corpos objetificados a partir de uma ótica racista e preconceituosa.

O professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, Eduardo Assis Duarte, ao comentar a crítica sobre os corpos de mulheres negras na literatura brasileira, afirma que:

Enquanto personagem, a mulher afrodescendente integra o arquivo da literatura brasileira desde seus começos. De Gregório de Matos Guerra a Jorge Amado e Guimarães Rosa, a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial, no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão.” E completa: “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores.” (Duarte in Arruda, 2023, p. 300).

Nos tempos atuais, o corpo, na literatura de autoria feminina, especialmente negra, não é apenas tema: é ferramenta política, memória e denúncia. Como aponta a pesquisadora Aline Alves Arruda:

O corpo é marca da escrita de literatura de autoria feminina, pois é ele o fator de diferenciação dos sexos biológicos e levante político do feminismo. Tal corpo é também socialmente construído, como nos alerta Bourdieu (2007, p. 18): “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes.” Essa imposição simbólica impõe às mulheres um lugar subalterno e reforça estruturas de dominação masculina — realidade que se espelha na literatura e que impacta ainda mais os corpos de mulheres negras. (Duarte; Côrtes; Pereira, Arruda, 2023, p.299)

Diante das reflexões, podemos perceber nos seguintes versos, a dor da solidão da mulher negra e a ausência e afeto com seu corpo: “Este isolamento que me consome?/Esta falta de mãos grudadas/pele que não afaga/Estou rifando essa soledade./Trançar, eu quero mãos pretas.” (p.26)

Ainda no poema, o eu lírico questiona a preferência de homens negros por mulheres brancas, afirmando, ser essa preferência, uma suposta cura para um trauma, provavelmente provocado pela exclusão sofrida pelo racismo, em que a conquista de uma mulher branca, torna-se um símbolo de pertencimento social, aguçando mais ainda a solidão das mulheres negras. Vejamos os seguintes versos: “Peles bem alvas.../Alvejando-me por serem preferidas.../Será mesmo que elas resolvem/Esses traumas de pretos meninos?” (p.26).

Poema “Abelha Mandaçaia”:

Tão solitária e negra como eu

Abelha Mandaçaia...

...sem produção de mel

Desabitada a procura de flor

Para bebericar do seu encanto...

Lápis de olhos...

...a esconder águas salgadas

Como não consolidar

Este isolamento, que me consome?

Esta falta de mãos grudadas

...pele que não afaga

Estou rifando essa soledade!

Trançar, eu quero mãos pretas.

É querência de mar, e não de oásis

Perenidades entrelaçadas...

Em estações lunares e solares...

Meu viver tornou-se deserto...

Os dias quentes e as noites congelantes

Um corpo sem afeto...

Repleto de roedoras...

Serpentes

E lagartas...  
 Peles bem alvas...  
 Alvejando-me por serem preferidas...  
 Será mesmo que elas resolvem  
 Esses traumas de pretos meninos?

Em outras facetas, sou eu, serpente  
 Cascavel do deserto, como queira...  
 Movimentando-me em silêncio  
 Para que as inimigas não me vejam...

Sentimentos fósseis...  
 ...expostos pelas erosões  
 A vida inteira sem beber águas...  
 Longos jejuns sem morrer...  
 Força bruta que me dilacera  
 Estes secos dias, sem chuvas...  
 Só poeira machucando minhas retinas. (Souza, p.26, 2012)

Em o “Sorriso que faltava” há um sujeito lírico que vive a rodar uma grande cidade relatando as dificuldades de contato entre as pessoas.

Mesmo em um lugar abundantemente habitado, não há diálogos, não há um contato, faltam afetos, um aperto de mãos que signifique uma cordialidade, um sorriso que demonstre amor. O eu lírico vê somente pressa de uma vida vazia, em que pessoas correm para um nada, para encontrarem amores de curta duração ou consumirem exacerbadamente, tendo um trabalho cansativo que os priva de demonstrarem afeição ao próximo.

Neste poema, Elizandra, moradora de São Paulo, faz um escrito dedicado ao que a maior cidade do Brasil, representa nos dias atuais, aos olhos do sujeito lírico do poema.

Poema “O Sorriso que Faltava”:

A cidade me diz: fria.  
 Chegou aqui aguarde o rojão!  
 Eu, ainda na minha calmaria

Peguei o trem e metrô  
Esbarrei em apressadas pessoas,  
Cruzei rios, estradas e viadutos  
Fiquei perplexa...  
No vai e vem da multidão  
Cambaleando cega  
Pisando em calos sem intenção  
Cumprimentei alguns  
Que apertavam sem energia  
As palmas das minhas mãos  
Escrevi poesia da poluição  
Semblantes sem expressões  
A perambular seus corpos... (Souza, p.44, 2012)

No poema “Labirintos” o eu lírico, ainda dentro de um conceito de escrevivência, traz a marca de um eu lírico solitário, apresentando um estado de individualização e questionamentos com relação aos seus sentimentos e suas memórias. Encontrando-se a procura por suas ideologias em que somente um eu individual pode lhe conceder, como podemos perceber nos seguintes versos: “Entrei dentro do meu eu/ em busca de boas lembranças/na esperança de encontrar/as entradas e saídas dos meus labirintos.../[...] Cantar aquela canção que/acende todas as possíveis lutas.”(p.21)

Poema “Labirintos”:

Entrei dentro do meu eu  
em busca de boas lembranças  
na esperança de encontrar  
as entradas e saídas dos meus  
labirintos...  
Revisitar estradas conhecidas,  
admirar paisagens errantes,  
olhar-me no meu pequeno espelho  
refletir ou reagir aos meus ruídos,  
abrir bem os ouvidos para

escutar os meus passos...  
Cantar aquela canção que  
acende todas as possíveis lutas.  
(Souza, p. 21, 2012)

Elizandra Souza carrega seus afetos e transpõe para a arte poética, lapidando uma poesia em que se encontram a memória, um ser angustiado pela contemporaneidade e a feminilidade no século XXI. Sabemos que ainda há pouca repercussão e ascensão de escritoras negras, no entanto, ela e outras novas poetisas, estão fazendo esta diferença e conseguem eclodir com suas vozes a essência do sensível, do que é feminino e do poder que a poesia tem ao transpor e abordar seus afetos, assim fazendo a diferença no mundo literário de seus países e de seus próprios territórios.

### **Considerações finais**

A obra *Águas da Cabaça*, de Elizandra Souza, revela uma escrita potente que se ancora nas experiências vividas por mulheres negras, especialmente aquelas situadas às margens sociais e afetivas. Por meio da poesia, a autora constrói um corpo textual que é, ao mesmo tempo, denúncia, memória e afeto — um corpo afetivo que carrega as dores da violência e da invisibilidade, mas também pulsa resistência, beleza e ancestralidade.

A análise dos poemas evidencia como a escrevivência, enquanto prática literária e política está presente em cada verso. Elizandra dá voz às subjetividades silenciadas, ressignificando a experiência de ser mulher negra na contemporaneidade. O corpo feminino, nesse contexto, não é apenas espaço de dor, mas também de reconstrução simbólica e de reencantamento do mundo.

A ancestralidade, a solidão, o desejo, o luto e a busca por liberdade emergem como temas recorrentes, mas sempre atravessados por uma linguagem sensível, por vezes cortante, que dialoga com a oralidade, com a musicalidade do rap e com a tradição da literatura negra feminina. Assim, *Águas da Cabaça* é mais do que um livro de poemas — é um gesto de cura, uma convocação à escuta e uma afirmação da existência múltipla e complexa das mulheres negras no Brasil.

## Referências:

- ARRUDA, A. A. Corpo e erotismo nos contos de Olhos d'água. *In: DUARTE, C.L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M.R.A (org). Escrivivências: Identidade, gênero e violência, na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 299–305.*
- DUARTE, C. L. Marcas da violência no corpo literário feminino. *In: DUARTE, C.L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M.R.A (org). Escrivivências: Identidade, gênero e violência, na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê. p. 215-222.*
- FONSECA, M. N. S.. Escrivivência como resistência e identidade. *In: DUARTE, C.L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M.R.A (org). Escrivivências: Identidade, gênero e violência, na obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Malê. p. 15-27.*
- MS. (revista). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ms.\\_\(revista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ms._(revista)). Acesso em: 21 de jul. 2025.
- MURDOCK, Maureen. *A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino. São Paulo: Cultrix, 2022.*
- SOUZA, E. *Águas da Cabaça. São Paulo: Edição da autora, São Paulo, 2012.*
- MURDOCK, Maureen. , Entrevista concedida a Aline Deyques. São Paulo, 15 de set. 2010.
- VIERA, Aline Deyques. Entrevista com Elizandra Souza. *In: VIERA, Aline Deyques. O Clarim dos Marginalizados: Temas sobre a Literatura Marginal Periférica. Curitiba: Appris, 2015. p. 93.*

## MATICES DEL CUERPO AFECTIVO FEMENINO, EN AGUAS DE CALABAZA, DE ELIZANDRA SOUZA

**RESUMEN:** Este artículo propone un análisis de la obra *Águas da Cabaça* (2012), de la escritora Elizandra Souza, a partir del concepto de "escrivivência", propuesto por Conceição Evaristo, evidenciando los matices del cuerpo afectivo femenino negro. La escritura de Elizandra surge de la literatura marginal/periférica, pero también se inscribe en la tradición de la literatura negra femenina, incorporando elementos de memoria, ancestralidad y denuncia de la violencia contra la mujer. El análisis parte de la comprensión del cuerpo como espacio de resistencia, afectividad y subjetividad, especialmente en el contexto de mujeres negras y periféricas. Poemas como “En legítima defensa”, “Tejiendo memorias” y “Abeja Mandaçaia” revelan una poética marcada por traumas, afectos, soledad, pertenencia e identidad. La autora construye una lírica que mezcla crítica social y delicadeza estética, dialogando con referencias culturales afrobrasileñas, con énfasis en la oralidad y el ritmo del rap. Así, *Águas da Cabaça* se presenta como una obra de potencia política y sensibilidad, que contribuye al fortalecimiento de la voz femenina negra en la literatura contemporánea.

**PALABRAS CLAVE:** Elizandra Souza, Escrivivência, Cuerpo femenino negro, Literatura marginal, Ancestralidad.